

**SERMÕES:
DO PRIMEIRO DOMINGO
DO ADVENTO À
SEXTA-FEIRA SANTA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

João Batista Maria Vianney, Santo, 1786-1859

Sermões do Primeiro Domingo do Advento à Sexta-feira Santa - Vol. 1 / São João Maria Vianney ; tradução e apresentação de Tiago Jose Risi Leme. – São Paulo : Paulus, 2026. 2ª edição.
(Coleção Clássicos de Espiritualidade)

ISBN 978-85-349-6138-7

Título original: Sermons du Vénérable Serviteur de Dieu Jean-Baptiste-Marie Vianney, le Curé d'Ars: Du Premier Dimanche de l'Avent au Vendredi Saint (Tome Premier)

1. Sermões I. Título II. Leme, Tiago Jose Risi III. Série

26-1421

CDD 252

Índice para catálogo sistemático:

1. Sermões

**SÃO JOÃO MARIA VIANNEY,
O CURA D'ARS**

Tradução

Tiago José Risi Leme

**SERMÕES:
DO PRIMEIRO DOMINGO DO
ADVENTO À SEXTA-FEIRA SANTA
VOL. 1**



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Sermons du Vénérable Serviteur de Dieu Jean-Baptiste-Marie Vianney, le Curé d'Ars: Du Premier Dimanche de l'Avent au Vendredi Saint (Tome Premier)*

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Tiago Soares Barbosa

Design

Victoria Cristina Eduardo

Imagem da capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

2ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2026

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6138-7

Índice

APRESENTAÇÃO – Tiago José Risi Leme.....	7
I. Aspectos biográficos e contexto histórico	7
II. Chaves de interpretação para uma leitura fecunda dos <i>Sermões</i>	18
III. Breve consideração sobre a história do ano litúrgico até a época de São João Maria Vianney.....	30
APROVAÇÃO	35
PRIMEIRO DOMINGO DO ADVENTO	
SOBRE O JUÍZO FINAL.....	37
PRIMEIRO DOMINGO DO ADVENTO	
SOBRE AS VERDADES ETERNAS.....	59
SEGUNDO DOMINGO DO ADVENTO	
SOBRE O RESPEITO HUMANO	81
QUARTO DOMINGO DO ADVENTO	
SOBRE A SATISFAÇÃO PELO PECADO	99
PARA O DIA DE NATAL	
SOBRE O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO	121
PARA O DIA DE NATAL (segundo sermão)	
SOBRE O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO	141
PRIMEIRO DOMINGO DO ANO	
SOBRE O TEMPO DA CONVERSÃO E A NECESSIDADE DE DIRECIONAR NOSSA VISÃO AOS BENS ETERNOS.....	157
PARA A FESTA DA EPIFANIA	
SOBRE A PERSEVERANÇA NA FÉ E O TESTEMUNHO CRISTÃO	179

SEGUNDO DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA SOBRE O MATRIMÔNIO	197
TERCEIRO DOMINGO APÓS A EPIFANIA SOBRE A ORAÇÃO DE UM PECADOR QUE DESEJA DEIXAR O PECADO	217
TERCEIRO DOMINGO APÓS A EPIFANIA SOBRE O INFERNO DOS CRISTÃOS.....	237
QUARTO DOMINGO APÓS A EPIFANIA SOBRE OS INIMIGOS DE NOSSA SALVAÇÃO	257
A SEXAGÉSIMA SOBRE A PALAVRA DE DEUS	275
PRIMEIRO DOMINGO DA QUARESMA SOBRE AS TENTAÇÕES	297
PRIMEIRO DOMINGO DA QUARESMA SOBRE AS INDULGÊNCIAS	319
QUARTO DOMINGO DA QUARESMA SOBRE A MORTE DO PECADOR	337
QUARTO DOMINGO DA QUARESMA SOBRE A DEMORA DA CONVERSÃO.....	345
DOMINGO DA PAIXÃO SOBRE A CONTRIÇÃO	367
QUINTA-FEIRA SANTA SOBRE O SACRAMENTO DA EUCARISTIA.....	389
SEXTA-FEIRA SANTA O PECADO RENOVA A PAIXÃO DE JESUS CRISTO.....	407

Apresentação¹

TIAGO JOSÉ RISI LEME²

I. Aspectos biográficos e contexto histórico

Primeiros anos

São João Maria Vianney nasceu em 8 de maio de 1786, em Dardilly, próximo a Lyon (sudeste da França). Portanto, apenas três anos antes da Revolução Francesa. Seus pais eram agricultores e católicos fervorosos. Era o quarto de seis filhos. Seu pai, Matthieu Vianney, que costumava acolher pessoas carentes em sua casa, oferecendo comida e hospedagem, teve o privilégio de receber São Bento José Labre,³ então em peregrinação a Roma,

¹ Dedico esta tradução e esta apresentação ao amigo ALEXANDRE SCHIAVENIN (*9/11/1990-+06/07/2019), seminarista da Pia Sociedade de São Paulo, chamado à vida eterna na flor da idade. Ele tinha grande apreço por esta tradução, tendo manifestado o desejo de ler estas homilias de São João Maria Vianney, patrono universal dos párocos (e, de certo modo, também dos seminaristas).

² Natural de Bragança Paulista-SP, graduado em Letras (Português e Francês) pela USP e pós-graduado em Revisão de Textos (PUC Minas) e em Literatura, Artes e Filosofia (PUC-RS). Atua como revisor de textos, coordenador de revisão na Paulus Editora e tradutor. Publicou pela Paulus os livros: *Leão XIV: o missionário que se tornou papa* e *"Fazendo o bem sobre a terra": a vida de Santa Teresinha e de seus pais, São Luís e Santa Zélia, contada para crianças e adolescentes*.

³ Nasceu em 1748, em Amette (França), morrendo em Roma, aos 35 anos, em 1783. Sentindo-se chamado à vida contemplativa, fez a experiência da vida monástica com os cartuxos, saindo logo em seguida. Antes de fazer uma segunda tentativa com os trapistas, adoeceu gravemente. Pediu a Deus que o curasse, com a promessa de partir em peregrinação a Roma. Ao longo do caminho, percebeu que sua vocação seria viver como peregrino e penitente, percorrendo igrejas e santuários. Em Roma, ficou conhecido como "o santo das quarenta horas", pois permanecia muitas horas em adoração. Após sua morte, muitos milagres e graças começaram a ser alcançados por

em julho de 1770.⁴ Matthieu Vianney casou-se com Marie Beluse em 11 de fevereiro de 1778.⁵ João Maria foi batizado no mesmo dia de seu nascimento. Consta no registro de seu batismo, redigido pelo padre Blachon, que seus pais eram “ambos iletrados, sem nenhuma instrução”.⁶ Contudo, apesar de iletrada, foi a mãe quem transmitiu a João Maria as principais orações e as noções primordiais sobre Deus, a alma e a eternidade. Também a grande devoção a Maria Santíssima foi uma herança recebida da mãe, em quem o menino podia perceber o reflexo da Mãe de Jesus. A família se reunia toda noite para a oração e, desde muito pequeno, João Maria tinha o coração ardente de amor por Jesus e voltado para as realidades celestes. Sua relação de amizade com Cristo nasceu, portanto, na casa paterna, e foi crescendo dia após dia, sobretudo ao ouvir da mãe relatos da história sagrada.⁷ Desde pequeno ele gostava de rezar. Certa ocasião, aos quatro anos, tendo desaparecido por um tempo, foi encontrado no estábulo, ajoelhado e rezando, segurando firme uma imagem de Nossa Senhora que a mãe lhe tinha dado. Vendo a consternação que havia causado, prometeu que não sumiria mais.⁸ Ele gostava de ouvir os sinos da igreja paroquial, anunciando a missa, pela manhã, e a oração do *Angelus*, três vezes por dia (6h00, 12h00 e 18h00). Sua mãe o levava à missa desde pequeno, explicando-lhe o significado dos gestos do sacerdote e testemunhando-lhe um coração reverente, abrasado, verdadeiramente imerso no mistério da santa Eucaristia.

sua intercessão. Foi canonizado em 8 de dezembro de 1883, pelo papa Leão XIII. Cf. São Bento José Labre, em <<https://pt.aleteia.org/daily-prayer/terca-feira-16-abril/>>.

⁴ Cf. Jean-Marie de Reville, *Le saint Curé d'Ars*, Paris: Librairie Arthème Fayard, 1986, p. 17.

⁵ Não podemos deixar de notar a feliz coincidência de data, já que 11 de fevereiro também foi o dia da primeira aparição de Nossa Senhora de Lourdes a Santa Bernadette, em 1858, no ano anterior à morte do santo.

⁶ Cf. Jean-Marie de Reville, *op. cit.*, p. 18.

⁷ Cf. *ibid.*, p. 19.

⁸ Cf. *ibid.*

A infância de João Maria foi marcada pela Revolução Francesa.⁹ O povoado de Dardilly só sentiria os efeitos da Revolução em 1791, quando passou a vigorar a Constituição Civil do Clero.¹⁰ O bispo de Lyon, Monsenhor de Marbeuf, foi substituído por um bispo nomeado pela Constituinte, assim como o pároco de Dardilly. Houve, assim, um verdadeiro cisma no coração da Igreja francesa, dividindo o clero fiel ao papa e o clero que havia prestado juramento à Assembleia Constituinte. Formou-se, então, uma Igreja clandestina, perseguida, da qual fizera parte a família Vianney. As missas eram celebradas em

⁹ A Revolução Francesa constituiu uma série de acontecimentos que, de 1788-1789 ao golpe de Estado de 9 de novembro de 1799 (conhecido como 18 de Brumário), abalou as estruturas sociais, políticas, jurídicas e religiosas da França, extinguindo o Antigo Regime. Num contexto internacional de crise e instabilidades políticas, sociais e econômicas, ela não foi um fato isolado, mas formou o epicentro de um furacão que abalaria o conjunto das monarquias europeias. Uma de suas principais causas foi a contradição entre a estrutura social feudal do reino, que dividia a França em três ordens (nobreza, clero e terceiro estado), separadas por barreiras de privilégios seculares, como também o surgimento de uma burguesia (ligada ao comércio, finanças e manufaturas) que reivindicava o surgimento de outro tipo de organização social, que lhe permitisse controlar a economia. Tal aspiração liberal e pré-capitalista encontrou respaldo nas ideias de pensadores do Iluminismo, como Voltaire, Rousseau, que lhe deram o pano de fundo ideológico. Assim, a Revolução Francesa foi obra de uma burguesia que, com o apoio das massas camponesas e urbanas, excluídas do processo de desenvolvimento econômico ocorrido no século XVIII, buscava estabelecer uma nova ordem social, baseada na liberdade, na igualdade civil e na propriedade isenta de heranças feudais. O período que vai da queda da Bastilha à Assembleia Constituinte, culminando com a proclamação da República pela Convenção Nacional de 1792, viu florescer um processo de descristianização, anticlericalismo e perseguição, que se moderou após a queda de Robespierre. Cf. *Le Petit Robert des Noms Propres*, Paris: Dictionnaires Le Robert, 2006, verbete “Révolution Française”.

¹⁰ Decreto votado pela Assembleia Nacional Constituinte em julho de 1790 e sancionado em agosto. De inspiração liberal, tinha como objetivo dar à Igreja católica uma organização baseada na administração civil local (distribuição do clero secular em 83 bispados, um por departamento, eleição dos bispos e dos párocos). Cansada de esperar a consagração canônica dessa constituição, a Assembleia Constituinte exigiu de todos os padres um juramento de fidelidade à Constituição. Por conseguinte, os padres se dividiram em *sermentés* (ou constitucionais) e *insermentés* (ou refratários), dando início a um cisma na Igreja da França, o que se agravou em abril de 1791, quando o papa Pio VI condenou formalmente tal Constituição. A crise religiosa também se tornou uma crise política, pois grande parte dos padres refratários assumiu o partido da contrarrevolução; muitos foram martirizados no período conhecido como *Terror*. Cf. *Le Petit Robert des Noms Propres*, verbete “Constitution civile du clergé”.

segredo, nunca no mesmo local, e como os padres clandestinos tinham um trabalho secular, gozavam do direito de ir e vir.¹¹ Os Vianney continuavam a acolher com boa vontade os pobres: os homens iam à casa deles, as mulheres à casa dos Vincent, uma família vizinha; toda noite, depois da refeição, fazia-se uma oração, que muitas vezes o pequeno João Maria conduzia. Foi nesse período que o menino realizou sua primeira confissão e recebeu a absolvição, diante de um grande relógio que a família tinha na sala de casa, pelas mãos de um sacerdote clandestino (ou *refratário*), padre Groboz, vestindo seu uniforme de cozinheiro. Dois anos depois, em 1799, quando contava treze anos, fez a primeira comunhão numa granja, durante uma missa clandestina, celebrada por outro padre *refratário*. Um pequeno retiro de preparação para a concretização do grande sonho de sua vida (receber Jesus sacramentado) foi-lhe pregado por duas religiosas que haviam sido expulsas de seu convento de origem.

Juventude e vocação

Aos dezessete anos, deu à senhora Vianney a alegria de confiar-lhe o desejo de tornar-se padre: “Se eu fosse padre, gostaria de conquistar muitas almas para Deus”.¹² Ao contrário de sua mãe, seu pai se opôs, pois não podia abrir mão de sua ajuda na lavourea, nem poderia financiar seus estudos. João Maria também confiou seu desejo ao padre Rey, que não pôde ajudá-lo, morrendo pouco tempo depois, em 1804. O novo pároco de Écully, padre Balley, havia determinado como uma de suas primeiras ações pastorais a criação de uma escola para as vocações sacerdotais, à qual João Maria foi admitido somente após insistência de sua tia Humbert, já que o quadro de alunos estava completo. Após dois anos de espera e doloroso silêncio, seu pai finalmente

¹¹ Cf. Jean-Marie de Reville, *op. cit.*, p. 21.

¹² *Ibid.*, p. 25.

concordou em ter um filho padre e acompanhou-o à casa paroquial. Assim que viu o jovem João Maria, tímido e recolhido, o padre Balley não hesitou: alguns autores afirmam que, instantaneamente, ele teve uma visão do futuro padre e do imenso apostolado que o esperava.¹³ O padre Balley será uma influência determinante para o jovem seminarista: vivendo com ele no presbitério de Écully, de 1806 a 1817, João Maria Vianney aprenderá pelo exemplo em que consiste a vida de um pároco. De personalidade forte, padre Balley resistiu bravamente durante os anos de perseguição. Seu espírito de sacrifício e abnegação, sua piedade e fé profunda, seu zelo e amor pela Igreja, e o exercício da santidade marcarão para sempre o jovem João Maria, para quem ele foi um verdadeiro mestre e pai, sobretudo quando o jovem ainda era tão pouco seguro de si. O padre Balley formará nele um coração de pastor, inspirando-lhe o cuidado pastoral na visita às famílias, o respeito à liturgia, o engajamento pastoral, a oração comunitária na paróquia, elementos distintivos do apostolado do futuro Cura d'Ars. Se em 1929 o papa Pio XI declarou São João Maria Vianney padroeiro dos párocos e curas de almas do mundo inteiro, certamente foi também graças ao pároco de Écully.¹⁴

Rumo ao sacerdócio

Na escola do padre Balley, João Maria teve como colegas dois irmãos cujo pai havia sido executado durante a Revolução. Um deles, Matthias Loras, tornou-se missionário nos Estados Unidos da América e, posteriormente, bispo de Dubuque. João Maria tinha muita dificuldade com o estudo do latim e chegou a pensar em desistir da vocação, quando decidiu partir em peregrinação, como mendicante, junto ao túmulo de São

¹³ *Ibid.*, p. 26.

¹⁴ Cf. Jean-Philippe Nault, "L'Enfance du Curé d'Ars: les grandes influences", em F. Bouchard, *Le Curé d'Ars, viscéralement prêtre*, Paris: Éditions Salvator, 2005.

Francisco Régis, situado em La Louvesc, a aproximadamente cem quilômetros de Écully. Era o ano de 1806. Voltou a Écully renovado, progredindo substancialmente nos estudos. Em 1807, recebeu o sacramento da Confirmação pelas mãos do cardeal de Lyon, dom Joseph Fesch (1763-1839), tio materno de Napoleão I. Nesse mesmo ano, o cardeal deu o mesmo sacramento a mais trinta mil pessoas.¹⁵

Em 1809, João Maria foi convocado a servir durante a guerra da Espanha. Enquanto seminarista, ele não deveria ter sido chamado, porém, como havia um seminarista de sobrenome *Vianay* (não exatamente *Vianney*) no quadro de formandos da arquidiocese de Lyon apresentado junto à Circunscrição Militar e ao serviço da Guarda Imperial, é possível que tenham deixado seu nome de fora por engano, o que pode explicar sua convocação.¹⁶ Em 26 de outubro, ele se apresentou ao regimento de Lyon; porém, de frágil constituição física, teve um esgotamento físico dois dias depois, indo parar no hospital. Por fim, entre dias de hospital em Lyon e, posteriormente, em Rouanne, junto a irmãs agostinianas, acabou desertando, não por covardia ou desobediência, mas realmente por motivo de saúde. Precisou ficar escondido no vilarejo de Noës, com o apoio do prefeito, do pároco e da população, que protegeram outros desertores. Resolvendo sua situação militar quando o irmão mais novo aceitou se alistar em seu lugar,¹⁷ pôde finalmente retomar seus estudos.

¹⁵ Devemos salientar que, com a queda de Robespierre (1794) e a ascensão de Napoleão Bonaparte (em 1799, por meio do golpe de Estado de 18 de Brumário), primeiramente como primeiro cônsul e, posteriormente, a partir de 1804, como imperador, a liberdade religiosa foi de certo modo restabelecida. As igrejas, que haviam sido dessacralizadas, muitas delas destruídas (como a poderosa e milenar abadia de Cluny), ou transformadas em estábulo (como a catedral de Notre-Dame de Paris), voltaram a ser lugares de culto.

¹⁶ Cf. Jean-Marie de Reville, *op. cit.*, p. 35.

¹⁷ Cf. René Fourrey, *Le Curé d'Ars authentique*, Dijon: L'Échelle de Jacob, 2009, p. 52-53.

Assim, em 1812, o padre Balley o apresentou ao seminário de Verrières, onde para ele foi penoso o estudo de filosofia, que na época se aprendia em latim, precisando receber aulas de reforço em francês. Em Verrières, João Maria estudou com outro santo, Marcelino Champagnat (1789-1840), fundador da Congregação dos Irmãos Maristas, e tornaram-se amigos.¹⁸ Sendo dispensado do ano de filosofia em que se estudava metafísica, devido a sua falta de aptidão para o latim, foi enviado ao seminário Santo Irineu de Lyon, onde tornou a encontrar Champagnat, mas de lá foi mandado de volta a Écully, com a alegação de ser um aluno fraco.¹⁹ Mais uma vez interveio o padre Balley, que conseguiu convencer os superiores do seminário de Lyon a levar em consideração a grande piedade do jovem. Por fim, em 13 de agosto de 1815, recebeu a ordenação sacerdotal das mãos de dom Claude Simon, na capela do Grande Seminário de Grenoble,²⁰ tornando-se vigário de Écully, ao lado de seu querido mestre, padre Balley, que acabaria morrendo em 1818, ano em que João Maria foi designado a Ars, como capelão.

¹⁸ Cf. Jean-Marie de Reville, *op. cit.*, p. 39.

¹⁹ Devemos observar, conforme veremos ao longo dos *Sermões*, cuja qualidade redacional e argumentativa é inegável, que São João Maria Vianney está muito longe de ter sido um aluno limitado intelectualmente (para os parâmetros de hoje, certamente). De fato, em sua época (e talvez há não muito tempo), a qualidade de um aluno se media por sua capacidade de memorizar e repetir conteúdos, e, consequentemente, pelo domínio do latim.

²⁰ Cf. René Fourrey, *op. cit.*, p. 72-73.

De vigário a pároco em Ars

Ars era um povoado de duzentos habitantes, na região de Dombes, e pertencia à paróquia de Misérieux, tornando-se paróquia em 1821. Os moradores de Ars logo se afeiçoaram àquele que imediatamente reconheceram como seu Cura:²¹ viam nele uma grande piedade, já que passava horas em oração, e um espírito de imensa austeridade e abnegação, doando tudo o que tinha aos pobres, comendo e dormindo o mínimo possível. Em pouco tempo sua fama de santidade alcançou as redondezas.²² Em Ars, ele despertou a fé de seus paroquianos, pela pregação e pelo exemplo, restaurou a igreja, fundou um orfanato, chamado “La Providence”, e prestou assistência aos mais pobres.

A fama de santidade e a boa reputação como confessor, tanto pelo fato de se atribuírem milagres a sua intercessão, como pelos boatos de que o demônio continuamente o assediava, começaram a atrair multidões de peregrinos a Ars. As peregrinações se intensificaram principalmente entre os anos de 1830 e 1835, prolongando-se até o final da vida do santo. Muitas conversões se deram nessas ocasiões, mas também durante as missões pregadas por ele na região, aumentando significativamente o fervor religioso do povo. O santo permanecia longas horas em adoração diante do Santíssimo Sacramento e no confessionário, ministrando o sacramento da penitência. Para desviar de si mesmo, como canal de graça, a atenção dos fiéis, mandou fazer, na igreja paroquial, uma capela dedicada a Santa Filomena, atribuindo então à intercessão da virgem e mártir protocristã as graças que os fiéis alcançavam.²³

²¹ Cura é o mesmo que pároco, mas a origem da palavra também remete ao “Cura de almas”, o pastor que cuida das almas de suas ovelhas. Contudo, no início, João Maria ainda não era o Cura do vilarejo.

²² Cf. René Fourrey, *op. cit.*, p. 91-94, 139.

²³ Cf. René Fourrey, *op. cit.*, p. 178-179.

Por mais de uma vez o santo de Ars tentou deixar a paróquia a ele confiada, considerando-se indigno de sua imensa responsabilidade como pastor de almas. Ele acreditava que o pecado da ignorância era o mais grave dentre todos os que levariam as almas para o inferno; nesse sentido, vendo-se a si mesmo como um sacerdote “ignorante”, sentia-se incapaz de instruir adequada e suficientemente seus fiéis acerca das verdades eternas, cujo conhecimento ele considerava imprescindível para alcançarem a salvação. A última vez em que tentou fugir de Ars foi apenas seis anos antes de sua morte, quando seus paroquianos o alcançaram no meio da noite. Outra possível razão para uma dessas fugas (em 1831) foi o fato de caluniarem o santo de ter engravidado uma paroquiana que havia dado à luz numa residência contígua à casa paroquial, Catherine Chaffangeon, a filha de um agricultor muito estimado por ele, Louis Chaffangeon, que se tornaria célebre por sua extraordinária definição de oração, dada quando o santo, intrigado ao vê-lo constantemente em profundo estado de contemplação diante do sacrário, perguntou-lhe o que fazia ali tanto tempo: “Eu olho para Ele e Ele olha para mim”.²⁴

Morte e santificação

O Santo Cura d’Ars morreu aos 73 anos, em 4 de agosto de 1859, consumido de amor pela Eucaristia e pela salvação das almas de seus paroquianos. Morreria como “prisioneiro do confessionário”.²⁵ Em 1905, foi beatificado e declarado padroeiro dos sacerdotes da França por São Pio X. Em 1925, Pio XI o canonizou, no mesmo ano em que também foi canonizada outra glória da Igreja da França: Santa Teresinha do Menino Jesus. Em 1929, foi declarado “padroeiro de todos

²⁴ René Fourrey, *op. cit.*, p. 172-173.

²⁵ Cf. “La vie de Saint Jean-Marie Vianney”, Sanctuaire d’Ars, disponível em: <<http://www.arsnet.org/Sa-vie.html?lang=fr>>.